

Lilian Carla Moreira Bento

Doutoranda em Geografia pela Universidade de Uberlândia
liliancmb@yahoo.com.br

Thallita Isabela Silva Martins

Mestranda em Geografia pela Universidade de Uberlândia
thallitaisabela@yahoo.com.br

Paula Cristina Almeida de Oliveira

Doutoranda em Geografia pela Universidade de Uberlândia
paulinhageo@yahoo.com.br

Antônio de Sousa Pedrosa

Professor Universidade do Porto, FLUP, CEGOT, Bolsista CAPES
aspedros@gmail.com

Uma proposta de rota geocultural para o município de Indianópolis-MG

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de rota turística para Indianópolis-MG, de forma a valorizar, divulgar e promover a conservação do patrimônio geocultural do município. A partir desse objetivo efetuou-se revisão bibliográfica pertinente ao tema, trabalhos de campo na área de estudo para identificar e caracterizar os elementos patrimoniais e, finalmente, a definição e elaboração da rota geocultural, tendo como suporte de apoio os SIG's. Esta rota de aproximadamente 64 km engloba atrativos representativos do patrimônio natural e cultural (material e imaterial) do município, tais como quedas d'água, casarões centenários, igrejas, entre outros, que permitem, através dos diferentes sentidos, perceber na paisagem vestígios de um passado que ainda se faz presente nos dias de hoje e um presente que também apresenta indícios de modernidade.

Palavras-chave: Patrimônio, Turismo, Rota geocultural, Indianópolis.

Abstract

A PROPOSAL FOR A GEOCULTURAL ROUTE FOR THE CITY OF INDIANÓPOLIS/MG

The current work has as objective to present a proposal for a touristic route for Indianópolis/MG, so that the preservation of the city geocultural patrimony can be

valued, publicized and promoted. From this objective bibliographic revisions were made about the theme, field work in the area of study to identify and characterize the patrimonial elements and, finally, the definition and the elaboration of the geocultural route having the support of the Geographic Information Systems. This route of 64 km comprises representative attractions of the natural and cultural patrimony (material and immaterial) of the city, such as waterfalls, centennial large houses, churches, among others which permit, through different senses, to perceive in the landscape vestiges of a past which is still present nowadays and a present which also presents traces of modernity.

Key-words: Patrimony, Tourism, Geocultural route, Indianópolis.

1. Introdução

Indianópolis localiza-se no Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais, e é reconhecido pela variedade e pela beleza cênicas associadas a suas quedas d'água. Aliados a essa geodiversidade encontra-se no município outros aspectos de valor cultural, entre os quais destacamos: vestígios da ocupação histórica pelos índios, jesuítas e bandeirantes; produção agropecuária que mescla técnicas tradicionais com as mais modernas; festividades como Folia de Reis e Festa de Maio, entre outros.

Apesar de toda essa diversidade natural e cultural, quando se considera esse município, dado o cenário econômico regional, ele pode ser tido como um território periférico, carecendo de investimentos que venham alavancar a economia, de forma a dinamizar e diversificar as atividades, permitindo a criação de empregos e fixação da população, evitando os fenômenos migratórios.

A partir destas constatações pensa-se que a atividade turística, se bem planejada, pode se tornar importante instrumento capaz de fomentar a sustentabilidade econômica do município (DIAS, 2003), e também uma alternativa capaz de possibilitar às gerações vindouras as heranças naturais (OLIVEIRA, 2000).

Silva e Pereira (2009, p. 277) reforçam esta ideia, afirmando que “o turismo é uma mais-valia para qualquer região [...] e a rentabilização dos vastos recursos ambientais e patrimoniais contemplando a vertente turística é [...] um dos eixos de intervenção para a promoção do desenvolvimento local”.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é propor uma rota turística para Indianópolis, englobando os patrimônios natural e cultural, visando à valorização, à divulgação e à conservação da paisagem cultural do município, tendo como base a estrutura geomorfológica, uma vez que esta é a parte visível da interação dos elementos físicos, biológicos e antrópicos.

2. Metodologia

Inicialmente procedeu-se à fundamentação teórica, que incluiu o levantamento, a localização e o fichamento de obras pertinentes ao tema, de forma a se obter conceitos, explicações, modelos teóricos e metodologias existentes sobre a temática aqui abordada, com o cuidado de realizar um inventário de pesquisas que abordassem o patrimônio natural e cultural de Indianópolis, indicando previamente os locais a serem visitados na etapa posterior de campo.

Os trabalhos de campo no município permitiram localizar, identificar e caracterizar locais representativos dos diversos tipos de patrimônio, tais como propriedades rurais, entre as quais aquelas com arquitetura centenária e onde se encontram preservadas algumas tradições tais como tear manual, engenho de tração animal, produção artesanal de mandioca e rapadura, entre outros, ao mesmo tempo em que se registravam os avanços tecnológicos e suas influências, com presença de maquinários modernos usados na agropecuária, revelando a coexistência do “velho” e do “novo” na paisagem rural indianapolense.

Nesta etapa determinaram-se as coordenadas geográficas de cada local visitado de forma a constituir uma base de dados patrimonial com um aparelho de GPS (*Juno ST* da *Trimble*), tendo-se procedido, ainda, à documentação fotográfica (Câmara Fotográfica *Sony SteadyShot* DSC-W320). Tais atividades fizeram parte da montagem do banco de dados, que também contou com o levantamento de informações cartográficas pré-existentes, a saber: base cartográfica do IBGE (limite político do Município de Indianópolis), mapa geológico do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), imagem da SRTM disponibilizada pela Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias – EMBRAPA, imagens aéreas disponibilizadas pelo IBGE

referentes ao Projeto SP-MG-GO de 2004 e a imagem do satélite ALOS Sensor AVNIR2 de 17 de abril de 2010.

Para fins de geoprocessamento foi utilizada a plataforma ArcGIS 9.3.1, a partir da qual se elaborou a rota geocultural do município de Indianópolis. Utilizou-se o Sistema de Coordenadas Geográficas (Lat, Long) e Datum Geocêntrico WGS84 para a coleta dos dados e posterior elaboração do mapa de rotas.

Foi também elaborado o mapa de unidades de relevo, o qual embasou a representação do patrimônio natural do município. Neste sentido, a partir da análise conjunta da base geológica e dos produtos extraídos da imagem da SRTM, tais como dados altimétricos e relevo sombreado, foram delineadas as unidades de relevo, com auxílio de conhecimento de campo, interpretação visual, edição manual e ferramentas de classificação e reclassificação de imagem (*Reclassify*).

Durante a etapa de integração e análise dos dados, realizada em gabinete, as informações obtidas nas etapas anteriores foram tratadas e analisadas, o que permitiu um conhecimento mais aprofundado e contextualizado da problemática em questão, bem como a seleção dos locais para compor a rota geocultural para Indianópolis.

Esta última foi realizada através de uma análise qualitativa a partir de critérios relacionados com seu valor e, nesta pesquisa, considerando-se o objetivo traçado e as peculiaridades da área de estudo, priorizou-se apenas algumas variáveis: valores estético, cultural, didático, de uso (referente a maior ou menor dificuldade de acesso) e a singularidade de cada local visitado.

3. Refletindo sobre a evolução do conceito de paisagem

A paisagem configura um dos temas mais antigos da geografia. Seu conceito evoluiu ao longo do tempo e seu sentido ganha enfoques distintos de acordo com as influências de diferentes escolas, como da Alemanha, da ex-União Soviética e dos países Anglo-Saxões, sendo considerado um conceito polissêmico.

Dentro da compreensão do que é paisagem é preciso ter em conta suas diferentes escalas de abordagem: percepção, tempo e espaço. A primeira

tem uma relação direta com a observação do meio, sendo pautada pelas impressões pessoais do observador e, sobre isso, Vieira (2006, p. 14), argumenta que:

[...] o olhar é uma janela. Toda janela tem dois lados que se comunicam através dela. Interior e exterior. Se a paisagem é um olhar, então ela é o encontro da interioridade de quem vê e a exterioridade do que é visto, em meio à corporeidade sensória. A paisagem pode ser tomada como a relação entre o espaço e a imagem. É o encontro entre elas. É a janela que comunica tais instâncias.

Além da percepção, que indica a subjetividade expressa na análise das paisagens, há outras duas escalas de abordagem da paisagem que apontam a necessidade de se fazer um recorte para conseguir analisar essa unidade de análise espacial de grande importância geográfica: tempo e espaço. Existe um dinamismo que impele a evolução constante das paisagens, seja de forma natural e/ou antrópica, tal como propõe Emídio (2006, p. 54): “paisagens são como fotos de uma realidade e ambientes passam por uma evolução constante, não estando jamais parados ou representando uma situação estática no tempo”.

Do registro da observação da paisagem em diversas culturas, encontram-se pinturas de montanhas, rios, animais, ou seja, percepções relacionadas a componentes do ambiente. Nesse contexto, por muito tempo, a paisagem foi enfocada sob a ótica dos jardins, parques, fontes e construções arquitetônicas, priorizando-se seu aspecto de beleza cênica.

A partir dessas diferentes escalas de abordagem da paisagem depreende-se que sua conceituação ganha diferentes perspectivas, como, por exemplo, econômica, estética ou religiosa, de acordo com o observador ou a área de conhecimento, bem como segundo as evoluções científicas de cada época.

Para Kotler (1976 *apud* MAXIMIANO, 2004, p. 87):

[...] para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de mais nada, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e ou biológicas.

Durante muito tempo se falou em paisagem natural e humanizada, porém, atualmente, não faz sentido pensar mais nessa dicotomia já que o

que existe são paisagens que sofreram interferência humana, devendo ser interpretadas de forma sistêmica, ou seja, considerando as inter-relações entre elementos naturais e o homem.

Partindo desse pressuposto, o conceito de paisagem, a partir da segunda metade do século XX, incorpora o elemento antrópico como parte integrante do sistema, exercendo uma influência direta sobre ele. Bertrand concebe a paisagem pela ótica sistêmica:

[...] a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 2004, p. 141).

Surge assim o conceito de paisagem cultural, o qual, segundo Pereira e Pedrosa (2007), engloba um conjunto diversificado de manifestações resultantes da interação entre o homem e o meio ambiente.

Essa relação se traduz a partir de uma construção social e histórica, quando o ser humano se apropria do suporte material que é a natureza, tornando-a sua realidade imediata. A paisagem cultural é, portanto, produto do trabalho humano, o que não significa que a natureza perca seus traços, já que estes se mantêm sempre presentes, mesmo quando imperceptíveis. É neste sentido que Nascimento e Scifoni (2010) compreendem a paisagem cultural, cuja perspectiva implica a identificação “das relações estabelecidas, nos vários momentos históricos, entre as comunidades locais e a natureza, considerada matéria-prima para a apropriação social” (p. 32).

Os autores consideram também a relação sociedade-natureza como produtora de dois tipos de objetos culturais: os materiais, que constituem as cidades, as edificações e as plantações; e os imateriais, correspondentes às festividades, crenças, lendas, tradições, aos símbolos, entre outros.

O surgimento do termo paisagem cultural não é fruto apenas da influência de ideologias e paradigmas vigentes em cada período histórico, mas também reflete um contexto em que as questões geopolíticas e os problemas e conflitos relacionados à questão ambiental passam a ter relevo, recrudescendo os questionamentos sobre a paisagem (GUIMARÃES, 2007).

Sintetizando este breve relato sobre a evolução do conceito de paisagem se pode referir Teresa Salgueiro (2001, p. 44): “o conceito de paisagem

foi evoluindo desde uma posição muito próxima da geografia física, até revelar maiores preocupações com os processos econômicos e culturais, procurando abarcar a totalidade de fenômenos no espaço estudado”, propiciando uma visão integradora da realidade.

Talvez seja relevante ressaltar que não se pretendeu abarcar todos os pontos de vista relacionados ao conceito de paisagem, até mesmo porque são muitos e, no seio da própria ciência geográfica, existem grandes nomes como Carl Sauer, Denis Cosgrove e Milton Santos, que, apesar de conceberem a paisagem com significados diferenciados, contribuíram todos para a evolução desse conceito.

4. As rotas turísticas como forma de divulgação e valorização da paisagem cultural

A atividade turística tem crescido bastante nas últimas décadas, segundo dados da EMBRATUR (2008) ocupa o segundo lugar na geração de divisas e empregos, apresentando-se como uma opção de desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental.

As explicações para esse crescimento são as mais variadas, envolvendo desde o desenvolvimento e a expansão dos meios de transporte até questões relacionadas com os direitos trabalhistas, até mesmo porque

[...] por mais sofisticada que se torne a infra-estrutura de telecomunicações ou por maior que seja o número de atividades comerciais ou de lazer passíveis de ser realizadas no conforto de nossas salas de estar, a maioria de nós continuará se levantando de suas poltronas, pois não existe substituto para a experiência real (NAISBITT, 1994 *apud* TRIGO, 2005, p. XXIII).

O turismo pode ser encarado, quando bem planejado, como um veículo de aproximação entre os povos, podendo contribuir para a preservação e valorização de valores culturais, bem como conservação de paisagens naturais (BENI, 2001). Nesse sentido, Souza (2006, p. 17), argumenta que podemos “[...] atribuir o turismo como um protetor de cultura (ecológica, antropológica, religiosa, artística entre outras), resgatando as heranças culturais das antigas civilizações e valorizando com atrativo turístico”.

Tendo em vista o que foi aqui relatado, depreende-se a necessidade de se conhecer, valorizar e divulgar os patrimônios naturais e culturais existentes nos diferentes lugares, sendo as rotas um recurso utilizado para se atingir esse objetivo, fazendo com que as pessoas, através do turismo, passem a entender a paisagem cultural, contribuindo para sua conservação, divulgação e valorização (PEDROSA; PEREIRA, 2012).

Isso sem mencionar que “a criação de roteiros por espaços turísticos antes não utilizados pode despertar o interesse da comunidade nos aspectos de preservação dos símbolos históricos da sua região, e conseqüentemente a geração de emprego e renda e aumento do número de turistas” (SOUZA, 2006, p. 23), fazendo eclodir o processo de patrimonialização.

Esse processo tem correlação direta com a preocupação da sociedade em conservar algum aspecto cultural e/ou ambiental e, no momento que a sociedade atribui valor e significado a suas paisagens, ela abre espaço para que estas passem a fazer parte de sua história de vida, envolvendo sentimentos de territorialidade e originando o espírito de um povo e de um lugar (GUIMARÃES, 2007).

A patrimonialização é, portanto, um recurso recorrente para a conservação de símbolos e signos culturais, sejam eles monumentos ou objetos aparentemente banais, cidades, sítios históricos, paisagens naturais, festas, ritmos, crenças, modos de fazer, *o savoir faire*, seja um artesanato, um prato típico ou uma técnica construtiva (PAES, 2009, p. 162).

Um local para ser considerado como patrimônio precisa apresentar algum tipo de valor para a sociedade, no caso das paisagens culturais, Pereira e Pedrosa (2007) argumentam que existe uma categoria denominada de Paisagem Patrimonial, refletindo (entre outros) a identidade de um povo, devendo ser conservadas e valorizadas, podendo ser as rotas um meio para se atingir este propósito.

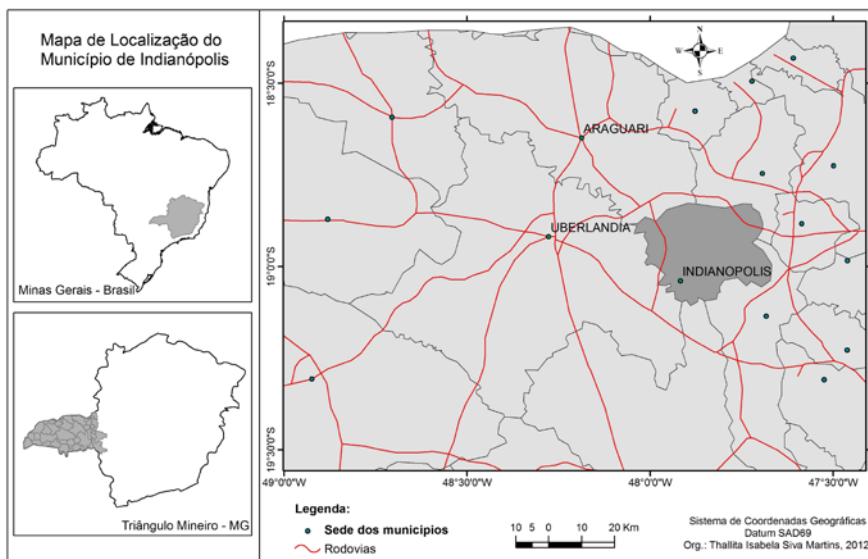
Na visão de Pedrosa e Pereira (2008), “rotas, percursos ou trilhas constituem valiosos guias que orientam a descoberta de um território desconhecido”, sendo, portanto, uma opção interessante para aproximar os turistas da paisagem visitada, podendo gerar experiências significativas de vida, envoltas em emoção e afetividade.

Diante disso, a proposta do presente trabalho engloba a proposição de uma rota turística para Indianópolis, numa tentativa de valorização, divulgação e conservação da paisagem cultural do município.

5. Identidade geocultural do município de Indianópolis-MG

Indianópolis tem uma área de 833, 870 km², sendo limítrofe aos municípios de Uberlândia, Araguari, Nova Ponte, Uberaba e Estrela do Sul, entre as coordenadas geográficas 18° 51' 06" e 19° 07' 13" de latitude Sul e 47° 39' 42" e 48° 06' 09" de longitude Oeste (Figura 1).

Figura 1
LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



Indianópolis insere-se na morfoestrutura da Bacia Sedimentar do Paraná, num conjunto de relevo denominado de planaltos e chapadas. Baccaro *et al* (2004) explicam que essa bacia sedimentar apresenta dois tipos básicos de rochas, sedimentares e vulcânicas, e esse conjunto rochoso “representa a superposição de pacotes depositados, no mínimo, em três ambientes tectônicos, decorrentes da dinâmica tectônica de placas, que conduziu à evolução do supercontinente de Gondwana, no tempo geológico” (ZALÁN *et al*, 1990 *apud* BACCARO *et al*, 2004, p. 7).

Os autores supracitados, considerando a geologia e os níveis de dissecação do relevo, incluem o município de Indianópolis em três unidades morfoesculturais: Canyon do Rio Araguari, Planalto Dissecado e Planalto Tabular (Figura 2).

Figura 2
CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES MORFOESCULTURAIS ENCONTRADAS EM INDIANÓPOLIS,
RESPECTIVAMENTE: PLANALTO TABULAR PLANALTO DISSECADO E CANYON DO ARAGUARI



Fonte: Os autores, 2012.

- Canyon do Rio Araguari: segundo Baccaro (1991), corresponde a borda da Chapada Araguari-Uberlândia, estendendo-se até os rios Paranaíba e Grande. Vem sendo dissecada por vários afluentes, apresentando vertentes abruptas (declividade de 25° a 40°), altimetrias que variam de 500 a 700 m e a maior parte desta unidade encontra-se assentada sobre as rochas do Grupo Araxá. Os solos são, em sua maioria, Argilossolos e Cambissolos e é muito comum nesta unidade a presença de pastagens e áreas de preservação ambiental.

- Planalto Dissecado: tem como característica principal o modelado do tipo denudacional de topo plano ou tabular com formas mais ou menos dissecadas à medida que se aproxima dos vales dos rios. A altitude varia de 700 a 900 m e a geologia predominante compreende os basaltos que afloram nos fundos de vale e a Formação Nova Ponte aparecendo nos topos. Os solos do tipo Cambissolo, Latossolo e Nitossolo predominam nesta unidade, condicionando o uso do solo com pastagens, reflorestamento e culturas de café. Nesta unidade é comum o aparecimento de cachoeiras e corredeiras, fato que pode ser explicado por sua localização “[...] a montante de rupturas estruturais (*knick points*) nos derrames da Formação Serra Geral” (BACCARO *et al*, 2004, p. 122).

- Planalto Tabular: sua característica principal revela-se nas formas de relevo do tipo denudacional tabular, com modelados suavemente ondulados. No que se refere à geologia, predomina a Formação Marília, constituída por arenitos parcialmente cobertos por sedimentos do Cenozóico, porém, em Indianópolis, só visualizamos a Formação Nova Ponte. Os solos predominantes são os Latossolos de texturas argilosas, o que, aliado a um modelado de declividade suave, favorece o uso do solo pela agricultura, destacando-se as grandes lavouras de soja e café, além dos reflorestamentos de eucaliptos e *pinus*. Com altitudes variando entre 900 e 1000 m, é comum o aparecimento de veredas que se caracterizam por “vales amplos com fundo plano, com presença de sedimentos colúvio-aluviais compostos por argilas e materiais orgânicos, em ambiente hidromórfico. São recobertas por vegetação de gramíneas e ciperáceas, com grande destaque para a palmeira buriti” (LIMA, 1996 *apud* RODRIGUES *et al*, 2004, p. 30-31).

Esse cenário geomorfológico foi alvo de constantes mudanças pautadas não apenas nas oscilações climáticas do Quaternário (FELTRAN FILHO, 1997), mas ainda na figura daquele que se tornaria o protagonista principal dessa evolução: o Homem.

A história de Indianópolis está associada às dos índios, bandeirantes e jesuítas, tendo começado por volta de 1740, quando o governador Marcos de Noronha decidiu criar diversas aldeias na margem direita do rio das Velhas, uma delas onde hoje está localizado esse município (BENTO, 2010).

Nesta aldeia, como era tradição, foi construída uma capela (1748) que recebeu o nome de Santana, sendo denominada em 1844 de Igreja Matriz de Sant’ana, tendo sido restaurada já três vezes: em 1870, 1917 e 1997. Sendo uma relíquia cultural da região e um fragmento da história de Indianópolis, foi tombada como Patrimônio Histórico Municipal em 1985, através da Lei 672.

Numa fase inicial instalaram-se nesta aldeia alguns padres jesuítas que foram posteriormente expulsos pelos índios Bororós. Estes também viriam a ser expulsos e/ou exterminados, sendo os índios Carajás, Tapirajás e Chacribás os habitantes desta aldeia até 1821. Desde então, a mando do sargento Mor Antônio Eustáquio da Silva, todos os índios foram expulsos e as terras ocupadas mediante o sistema de sesmarias.

A Aldeia de Sant'ana do Rio das Velhas foi transformada em distrito em 1840, em 1923 foi subordinada a Araguari e em 1938 foi emancipada a município, quando recebeu o nome atual em homenagem aos seus primeiros habitantes.

Em Indianópolis existem outros exemplares que nos dão indicações sobre sua ocupação histórica, como, por exemplo, o Registro do Rio das Velhas, antigo posto de arrecadação dos direitos de entrada e de impostos, criado em 1751 e por onde passavam os bandeirantes e tropeiros, hoje sede da fazenda Registro. Tal percurso era tão comum que, de acordo com relatos orais, o bandeirante Anhanguera possuía uma residência na mesma, localizada próxima à Igreja Matriz de Sant'ana.

Já em meados da década de 1940 Indianópolis passou por diversas transformações e melhoria de infraestrutura, tais como novos arruamentos, fornecimento de energia pela CEMIG, tratamento de água pela COPASA, entre muitas outras. Porém, apesar de tais mudanças, ainda é possível encontrar no município propriedades rurais que mantêm as características tradicionais de arquitetura, sendo algumas delas locais propícios para a criação de hotéis-fazenda.

Outra característica importante é, ainda, a existência de famílias que preservam as tradições familiares, fazendo uso de instrumentos e técnicas manuais, como fabricação de tapetes através de tear manual, produção de polvilho manual, bem como produção de rapadura.

São evidentes manifestações culturais e de religiosidade indianopolense expressas através de festas realizadas anualmente, como a Festa de Maio, quando se comemora o aniversário da cidade através de shows musicais, novenas e cavalhadas.

A festa da Cavalhada, tradicional em Indianópolis, acontece sempre no mês de maio. Nessa festa, os cavaleiros se reúnem, bem vestidos, com seus cavalos enfeitados, desfilando pelas ruas da cidade até o local determinado para sua apresentação, onde o público espera ansioso pelo evento (BORGES, 2004, p. 149).

Outra festa tradicional no município é a Folia de Reis que, anualmente, reúne dezenas de foliões e “[...] já se tornou tão esperada e prestigiada pela população local, que, a cada ano que passa, vê crescer o número de seus participantes. Observa-se também, nesses encontros, que não só estão

mobilizados nos trabalhos os já tradicionais “foliões”, mas também, muitos voluntários (...)” (BORGES, 2004, p. 175).

Todas estas festividades, conjugadas ao rico patrimônio arquitetônico dos casarões rurais, à manutenção de técnicas tradicionais de trabalho e ainda à riqueza da geodiversidade e biodiversidade, fazem com que Indianópolis tenha um imenso potencial a ser explorado pela atividade turística.

6. A rota geocultural do município de Indianópolis-MG

A paisagem, entendida em seu constante dinamismo, incorpora elementos culturais que as diversas gerações de povos e culturas vão deixando, sinalizando para a evolução da cultura humana que, ao longo dos tempos, reveste-se de variados modos de produção e socialização, deixando estigmas que se fazem presentes ao longo da história.

O progresso das técnicas de produção agrícola, florestal, industrial e mineral, assim como, no planejamento regional e urbano, nos transportes, infra-estruturas, turismo e lazer e, a um nível mais global, as mudanças na economia mundial contribuem fortemente para o acelerar da transformação da paisagem (CONVENÇÃO EUROPÉIA DAS PAISAGENS, 2000 *apud* PEDROSA; PEREIRA, 2008, p. 159).

Em Indianópolis não é diferente, a paisagem hoje visível revela o resultado da intervenção humana sobre a área natural, mostrando que a evolução das técnicas produtivas, em especial no meio rural a partir da modernização agrícola influenciada pela Revolução Verde, afetou fortemente não só a paisagem local, bem como o estilo de vida das pessoas que lá vivem.

Na dissertação “*A expansão das igrejas pentecostais em Indianópolis-MG e as transformações das práticas culturais e religiosas*”, Ribeiro (2007) evidencia o quanto o processo de modernização agrícola modificou a área natural e as práticas culturais e religiosas da população indianapolense, induzindo o surgimento de uma paisagem cultural, a qual se pretende compreender, vivenciar e potencializar através dessa rota.

Sendo assim, a rota geocultural aqui apresentada reúne em um único espaço um mosaico de paisagens e modos de vida que, juntos, formam a atual paisagem cultural de Indianópolis, num contraste entre o “velho” e o “novo”, o “atual” e o “passado”, o “natural” e o “construído”.

Torna-se necessário esclarecer que todos os pontos de interesse elencados ao longo desta rota ainda não foram transformados em produtos turísticos, são apenas locais com grande potencial, carecendo de investimentos para que possam ser ofertados ao público consumidor, bem como de um rigoroso planejamento que permita a implantação desta atividade de forma a gerar o mínimo possível de impactos socioeconômicos e ambientais.

A rota geocultural que se propõe (figura 3) tem como ponto de partida a cidade de Indianópolis, onde é possível encontrar toda a infraestrutura e serviços necessários, tais como rede hoteleira, restaurantes, bancos, entre outros, que são de suma importância para que a atividade turística se desenvolva. Porém, mais uma vez é relevante ressaltar que todos esses serviços e infraestrutura são ofertados principalmente para a população local, devendo ser repensada e redimensionada quando da implantação do turismo.

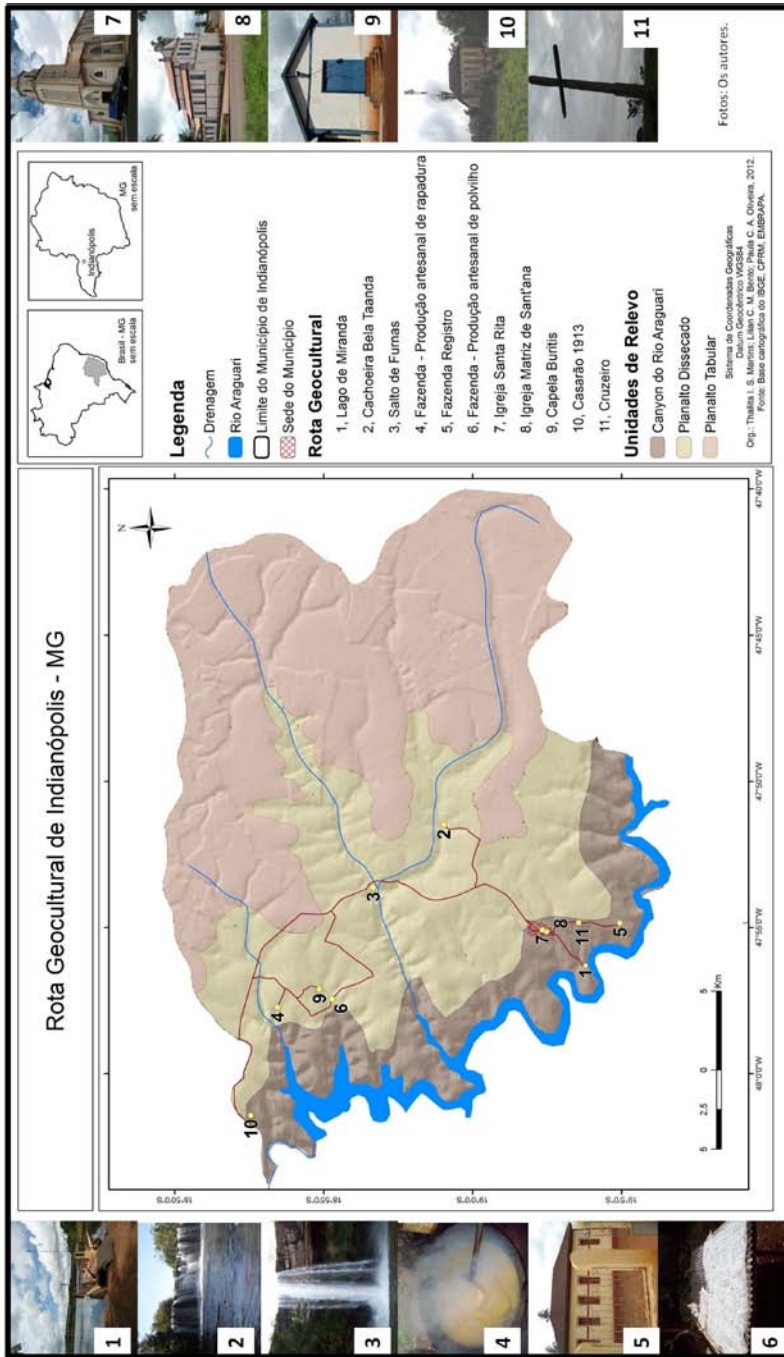
Dentro da cidade foram selecionados alguns pontos como a Igreja de Sant'anna, a matriz que teve sua primeira versão em adobe e pau-a-pique (os antigos moradores dizem que foi construída pelos índios), e a Igreja de Santa Rita que, mesmo não sendo a matriz, tornou-se o ponto central da cidade, com uma praça e construção de casas das famílias mais distintas e local onde ocorrem as principais festas da cidade: Folia de Reis e Festa de Maio, por exemplo (RIBEIRO, 2007).

Saindo do perímetro urbano, já em outra unidade geomorfológica, se depara com a ocorrência de corredeiras e quedas d'água, elementos naturais de considerável valor cênico e didático.

A origem e a evolução das quedas d'água de Indianópolis estão relacionadas com os grandes desníveis topográficos gerados a partir da evolução morfotectônica da região Sudeste, ocorrida a partir do Cretáceo, o que reativou antigas falhas e fraturas, direcionando os cursos d'água através de extensos e diversos alinhamentos tectônicos. É preciso considerar ainda a incisão vertical dos cursos d'água, iniciada a partir do Cenozóico, que também gerou grandes desníveis topográficos.

De acordo com a pesquisa de Bento (2010), foram mapeadas 20 quedas d'água em todo o município de Indianópolis. Porém, tendo-se como referência a facilidade de acesso, a localização estratégica entre os municípios de Uberlândia, Araguari e Indianópolis, a existência de poço para banho e a diversidade litoestratigráfica, recomenda-se apenas a inserção de duas no âmbito desta rota: a da Cachoeira de Bela Taanda e a de Salto de Furnas.

Figura 3
MAPA DA ROTA GEOCULTURAL DE INDIANÓPOLIS



A Cachoeira de Bela Taanda está situada no Ribeirão Mandaguari, distante 16 km de Indianópolis, doze percorridos em estrada de terra em boas condições; em menos de 50 metros chega-se à queda, estando ela localizada bem do lado da estrada. É uma queda de 4 m distribuídos em um único derrame de basalto, mas, devido à formação de um degrau no meio da queda, é possível que exista alguma fratura que condicione sua formação. A jusante e a montante da queda também existem poços próprios para banho e observa-se a existência de pequenas corredeiras nas quais se pode praticar o bóiacross. Acrescente-se ainda a existência, nas proximidades, de locais que oferecem condições para acampar.

O Salto de Furnas está localizado no Ribeirão das Furnas, numa área de mata ciliar ainda bem preservada, tem 40 metros de queda e encontra-se a uma distância de 10 km de Indianópolis. Para se chegar à base do salto é preciso percorrer uma trilha de 900 metros, de fácil acesso, porém em alguns pontos ela é bastante inclinada, exigindo mais preparo físico do turista. Além disso, ao longo da trilha existem vários pontos onde é possível visualizar o relevo, em específico os patamares formados pelos derrames de basalto.

Dando continuidade ao percurso, se propõe como próxima parada a Fazenda Amparo, a qual tem como herança um casarão com estilo arquitetônico de 1913 e que, se reformado, poderia transformar-se num excelente hotel fazenda ou numa unidade de turismo rural.

Ao longo da rota é notória uma paisagem na qual predomina a agricultura, sendo que, em função da modernização agrícola sobre a região dos Cerrados em meados da década de 1960, tem se destacado as grandes monoculturas de café, soja e, mais recentemente, a cana-de-açúcar.

No caso de Indianópolis isso fica evidenciado pela presença das monoculturas, maquinários e implementos de grande tecnologia, como os pivôs centrais, por exemplo, com a vinda de companhias agrícolas, entre outras.

Toda essa transformação na produção acabou por afetar também o modo de vida da população rural. Segundo Ribeiro (2007, p. 143), a

realidade é que o cerrado indianopolense está modernizado e grande parte do que nele se produz é exportado. Indianópolis não é mais aquela terra da simplicidade, do frango caipira com quiabo ou aquela do mutirão e das tradicionais festas religiosas, ela é a da modernidade; está globalizada.

Estas transformações acabaram por afetar, inclusive, as manifestações religiosas:

[...] eram muito comuns os mutirões e as trocas de dia de serviço. As práticas agrícolas estavam relacionadas aos ciclos da natureza, os quais eram marcados por um calendário festivo e religioso muito bem definido. Dessa forma, quando faltavam ou atrasavam as chuvas, o comportamento natural era rezar ao pé da cruz e fazer os pedidos aos santos de devoção, para que a chuva viesse logo. Segundo grande parte dos nossos informantes, normalmente a chuva chegava, após essas orações (RIBEIRO, 2007, p. 125).

Não é difícil encontrar, ao longo da rota, no meio rural, os cruzeiros e capelas que os próprios proprietários rurais construíam como sinal de sua fé e devoção. Os cruzeiros estão associados à Igreja Católica e eram muito usados numa tentativa de proteção da propriedade. Já as capelas apresentavam duplo sentido, além das funções religiosas eram usadas também como oportunidade de socialização, com realização de festas (RIBEIRO, 2007).

Dentro da paisagem cultural de Indianópolis, ao longo da rota, indicamos duas paradas para observação de um cruzeiro e da Capela Buriti, no intuito de resgatar a história desses locais que atualmente são, principalmente no caso dos cruzeiros, meramente simbólicos.

Apesar de todas essas mudanças no modo de produção e vida no meio rural de Indianópolis, ainda existem proprietários que mantêm algumas tradições centenárias, como a produção manual do polvilho e da rapadura, locais onde é possível unir tradição com gastronomia. Esta última deve ser muito bem planejada de modo a gerar produtos tradicionais, porém certificados, contribuindo para a manutenção da qualidade dos mesmos e maior aceitação no mercado, sendo uma opção de diversificação da produção rural e de melhoria das condições econômicas.

Prosseguindo na rota, ainda no meio rural, a próxima paragem é na Fazenda Registro, local que guarda marcas na paisagem da passagem dos bandeirantes rumo a Goiás e onde, por este motivo, existia um posto de arrecadação dos direitos de entrada e de impostos, denominado de Registro do Rio das Velhas.

Cada registro mantinha um funcionário, o fiel representante do contratador, uma guarda militar e um escrivão, responsável por anotar o aspecto físico das mercadorias, dos viajantes e estipular as quantias a serem pagas. [...]

No Registro do Rio das Velhas havia também um local destinado ao pouso dos viajantes, que ficava localizado um pouco acima do destacamento situado à margem do rio (hoje submerso na represa de Miranda). Ainda existem ali, mangueiras centenárias e cavas erodidas pelo tempo que comprovam o intenso trânsito ocorrido naquele local (BORGES, 2004, p. 58).

Próximo ao perímetro urbano de Indianópolis selecionou-se também um ponto em frente à represa de Miranda, onde atualmente funciona a balsa. Neste ponto, já no vale do rio Araguari, é possível perceber uma mudança nas características da paisagem ao sair do Planalto Dissecado em direção à parte mais rebaixada do município, no Canyon do Araguari.

A Usina Hidrelétrica de Miranda foi construída na década de 1990 e o lago tem aproximadamente 50 km² de extensão. Para ser criada, a usina alagou grandes extensões de terra, obrigando que pessoas e animais migrassem para outras regiões.

O interessante dos lagos artificiais gerados pela construção de hidrelétricas, pensando-se na perspectiva socioeconômica, é que

[...] a mesma água que expulsa uns atrai outros. Falamos aqui da supervalorização monetária dos terrenos situados às margens do lago que são rapidamente incorporados ao modo capitalista de distribuição, uso e ocupação do solo: a especulação imobiliária. Atraídos pela busca do lazer e pela comercialização da idéia de uma vida 'mais natural', do bucolismo de se viver em contato com os elementos naturais, pela constante promessa de saúde, segurança e bem-estar para as famílias presentes nos anúncios publicitários, diversas pessoas de considerável poder aquisitivo adquirem parcelas dos terrenos disponíveis próximos às represas ou compram uma chácara ou sítio em condomínios previamente construídos, estruturados e equipados pelos agentes imobiliários que atingem, assim, o nível máximo de lucros passíveis de serem obtidos com a venda e revenda dessas áreas (SOUZA; SILVA, 2010, p. 13).

Tem-se, neste caso, uma paisagem antes apropriada por produtores rurais e agora aproveitada para o lazer e o turismo, muitas vezes de uma pequena parcela da população, a de maior poder aquisitivo.

7. Conclusão

O município de Indianópolis está inserido numa região que, devido a suas características físicas, proporcionou, ao longo do tempo geológico, a evolução de paisagens de grande beleza cênica, como as quedas d'água,

além de possibilitar a ocupação humana e o desenvolvimento de atividades, principalmente a agropecuária, muitas das quais preservadas até os dias atuais, constituindo locais com grande potencial turístico.

Entretanto, apesar de todo esse potencial, o município ainda precisa proceder ao planejamento da atividade turística antes de divulgar toda essa riqueza expressa na paisagem cultural, do contrário, esses locais correm o risco de serem deteriorados.

Esclarece-se ainda que a questão da sustentabilidade tão almejada na atualidade exige a implantação do turismo mediante um processo que envolva a população local, principalmente a população rural, contribuindo de fato para a melhoria da qualidade de vida.

Espera-se que esta rota geocultural criada para Indianópolis seja o primeiro passo para que outros pesquisadores, a população local e o poder público e privado do município despertem para o potencial turístico existente e passem a concebê-lo de fato como um patrimônio, devendo ser valorizado, divulgado e conservado, indo ao encontro da proposta de Lima (1998), de que somos partes das paisagens e, ao protegê-las, estamos protegendo e resguardando nossa própria vida e identidade.

Agradecimentos

Às agências CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelas bolsas de pós-graduação concedidas às estudantes.

Referências

BACCARO, C. A. D. Unidades geomorfológicas do Triângulo Mineiro – estudo preliminar. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 3, n. 5 e 6, p. 37-42, dez. 1991.

BACCARO, C. A. D. *et al.* Mapa geomorfológico do Triângulo Mineiro: uma abordagem morfoestrutural-escultural. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 13, n. 25, p. 115-127, jan./dez. 2004.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 5. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.

BENTO, L. C. M. **Potencial geoturístico das quedas d'água de Indianópolis**. 2010, 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **RA'EGA**, Curitiba, n. 8, 2004, p. 141-152.

BORGES, M. A. **Indianópolis – por aqui passaram os Bandeirantes**. Uberlândia: Composer, 2004. 251 p.

DIAS, R. **Planejamento do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

EMÍDIO, T. **Meio ambiente e paisagem**. São Paulo: Editora Senac, 2006. 176 p.

EMBRATUR. **Segmentos turísticos**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: abr. 2011.

FELTRAN FILHO, A. **A estruturação das paisagens nas Chapadas do Oeste Mineiro**. 1997. 252 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GUIMARÃES, S. T. de L. **Paisagens: aprendizados mediante as experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem**. 2007. 160 f. Tese (Doutorado em Geociências) – Instituto de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

LIMA, S. T. Trilhas interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. **Cadernos Paisagem**, Rio Claro, 1998, p. 39-44.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, 2004. Disponível em: < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/3391> >. Acesso 16 jan de 2012.

NASCIMENTO, F. B.; SCIFONI, S. A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira-SP. **Revista CPC**, São Paulo, n. 10, p. 29-48, mai./out. 2010. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n10/03.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2012.

OLIVEIRA, A. P. O. **Turismo e desenvolvimento – planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2000.

PAES, M. T. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais – um olhar geográfico. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Nova Letra Gráfica e Editora, 2009. p. 162-174.

PEDROSA, A.; PEREIRA, A. A geografia e as novas estratégias de desenvolvimento de territórios periféricos. **Revista Geografia – ensino & pesquisa**, v. 12, n. 1, p. 151-178, 2008.

PEDROSA, A.; PEREIRA, A. A Paisagem Cultural como linha de concepção de uma rota turística: o exemplo do Alto Barroso – Norte de Portugal. **Revista Geonorte**, Edição Especial, v. 2, n. 4, p. 46-59, 2012.

PEREIRA, A.; PEDROSA, A. de S. Paisagem cultural das montanhas do noroeste de Portugal: um ciclo de construção, desestruturação e reconversão. **Revista Territorium**, n. 14, p. 39-65, 2007.

RIBEIRO, J. G. **A expansão das igrejas pentecostais em Indianópolis – MG e as transformações das práticas culturais e religiosas**, 2007. 297 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

RODRIGUES, S. C. *et al.* Cartografia geomorfológica e os condicionantes hidrogeomorfológicos de erosão em áreas amostrais na Bacia Hidrográfica do Rio Araguari. In: LIMA, S. do C.; SANTOS, R. J. (Org.). **Gestão Ambiental da Bacia do Rio Araguari – rumo ao desenvolvimento sustentável**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 21-43.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia**, XXXVI, 72, p. 37-53, 2001.

SILVA, P.; PEREIRA, D. Relevância e uso do patrimônio geomorfológico: o caso do concelho de Vieira do Minho. In: CONGRESSO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 6., 2009, Braga. **Anais...** Braga: APGEOM, 2009, p. 273-278.

SOUZA, C. L. de; SILVA, V. de P. da. Efeitos espaciais e sociais de grandes projetos: territórios, territorialidades e deslocamentos compulsórios na área de abrangência da usina hidrelétrica de Miranda. **Horizonte Científico**, v. 4, n. 1, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4381/5098>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

SOUZA, J. F. de. **Uma proposta de turismo histórico-cultural para o município de Itajaí – Santa Catarina: a valorização do patrimônio histórico protegido pela Fundação Genésio Miranda Lins**. 2006. 89 f. Monografia (Graduação em Turismo) - Instituto Cenecista Fayal de Ensino Superior, Itajaí, 2006.

TRIGO, L. G. G. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

VIEIRA, D. de S. L. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar. **Revista de História e Estudos culturais**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2006.

Recebido em: 03/05/2012

Aceito em: 17/07/2012